



FRANK TALLIS

**ROMÂNTICOS
INCURÁVEIS**

**QUANDO O AMOR
É UMA ARMADILHA**

FRANK TALLIS

***Os Românticos
Incuráveis***

QUANDO O AMOR
É UMA ARMADILHA

TRADUÇÃO:
Mario Bresighello



**COPYRIGHT © THE INCURABLE ROMANTIC, FRANK TALLIS.
FIRST PUBLISHED IN GREAT BRITAIN IN 2018 BY LITTLE BROWN BOOK GROUP
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019**

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **GABRIELA DE AVILLA**
Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**
Foto de capa **ELISABETH ANSLEY | TREVILLION IMAGES
ELNUR | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Tallis, Frank

Os românticos incuráveis : quando o amor é uma armadilha / Frank Tallis ; tradução de Mario Bresighello. – São Paulo : Faro Editorial, 2018.
240 p.

ISBN 978-85-9581-090-7

Título original: The incurable romantic

1. Amor - Aspectos psicológicos 2. Sexo – Aspectos psicológicos 3. Comportamento compulsivo 4. Psicoterapia I. Título II. Bresighello, Mario

19-0492

CDD 152.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Amor – Comportamento compulsivo



1ª edição brasileira: 2019
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-073
www.faroeditorial.com.br

PREFÁCIO

Por que me *tornei* psicoterapeuta?

A resposta mais segura e clichê é que eu queria ajudar as pessoas. O que é a mais pura verdade. Porém, de tão óbvia, não responde a coisa alguma. É como perguntar a um bombeiro por que escolheu juntar-se à corporação só para ouvi-lo dizer: “Para apagar fogo.”

Quando eu era adolescente, lia uma quantidade enorme de livros de terror e de ficção, em grande parte porque tais gêneros exploravam os cantos mais sombrios da mente e os comportamentos mais bizarros. À medida que fui amadurecendo, esse fascínio por coisas esquisitas (e acima de tudo por esquisitices psicológicas) tornou-se algo menos compulsivo e bem mais parecido com curiosidade intelectual. Mas permaneceu essencialmente inalterado.

Já trabalhei em lugares muito diferentes, inclusive em hospitais muito grandes. Todas as vezes, quando surgia a oportunidade, eu fugia das áreas perfeitas da “frente do palco” — recepção, ambulatórios, enfermarias — e me aventurava pelos subsolos, nas galerias abandonadas, nos escritórios vazios. Cheguei a ficar passeando por locais sinistros e silenciosos por um bom tempo, e não encontrava sequer uma alma viva. Em uma de minhas excursões, encontrei o que parecia ser um centro cirúrgico abandonado com o teto construído com painéis de vidro. Muitos vidros estavam quebrados, e as folhas do outono espalhavam-se

sobre o piso. No centro da sala, havia uma máquina que lembrava vagamente um telescópio. Era como se eu tivesse entrado em um romance de H. G. Wells ou Júlio Verne. Em outra ocasião, descobri uma sala revestida de prateleiras empoeiradas sobre as quais viam-se recipientes de acrílico retangulares com fatias de cérebros humanos preservados em formol. Era uma imagem marcante — como uma biblioteca de lembranças. No subsolo de um hospício vitoriano, deparei-me com um pequeno museu que abrigava uma coleção das obras de arte feitas pelos antigos pacientes. Eu era o único visitante.

Sintomas têm de ter causas. Podem ser produzidos por anormalidades no cérebro, desequilíbrios dos neurotransmissores, lembranças reprimidas ou pensamento distorcido. Mas os sintomas são também o estágio final das histórias. Para mim, a psicoterapia vincula-se à narrativa tanto quanto o faz com a ciência e a compaixão, talvez até mais. A verdade constrangedora era que eu tolerava o sofrimento do dia a dia da psicoterapia porque gostava de ouvir histórias — especialmente as esquisitas e as que explicavam a ocorrência de casos clínicos incomuns ou impressionantes. Em relação a isso, meu peso na consciência fica leve, pois estou acompanhado de muitos nomes formidáveis.

A prática da psicoterapia há muito tem sido associada à narração de histórias. Anna O., a primeira paciente tratada com um procedimento que, por fim, se tornou a psicanálise, entrava em um estado alterado de consciência durante o qual contava a Josef Breuer (protetor e colaborador do jovem Freud) histórias que o faziam lembrar das escritas por Hans Christian Andersen. Elas formavam parte integrante do tratamento de Anna e levaram-na a descrever a abordagem de Breuer como sendo “a cura pela palavra”.

Pessoas são como livros de história vivos. A cura pela palavra abre as capas e liberta as histórias.

O núcleo deste livro é uma série de histórias reais sobre pessoas reais, todas atendidas por mim em psicoterapia e que passavam por uma situação de intenso sofrimento atribuído ao fato de se apaixonarem ou de estarem amando. A maioria de seus problemas era emocional, sexual ou uma combinação dos dois. O amor romântico está, quase sempre, ligado ao desejo físico. Os fenômenos clínicos que descrevo (sintomas,

sentimentos e comportamentos) são autênticos; entretanto, disfarcei meus pacientes para garantir o anonimato.

Quando os indivíduos apaixonados dão voz a suas queixas, em geral o melhor que podem esperar é um pouco de compaixão ou um sorriso sarcástico e traquejado. Chacota e zombaria são reações comuns.

Mas a doença do amor não é um assunto trivial. O amor não correspondido é causa frequente de suicídio (sobretudo entre os jovens), e cerca de 10% dos homicídios têm uma ligação com os ciúmes sexuais. Além disso, há uma abordagem, que de tempos em tempos ganha força no âmbito da psicologia e da psiquiatria, que afirma que os relacionamentos íntimos problemáticos não só estão ligados à doença mental como são sua causa principal.

Inúmeras vezes me vi sentado diante de pacientes que sofrem da doença do amor, cujos sofrimento psicológico e distúrbios de comportamento eram tão graves quanto os sintomas mais importantes de qualquer doença psiquiátrica severa. Esses pacientes, em geral, ficam constrangidos ao revelar seus pensamentos e seus sentimentos, porque internalizaram a visão predominante de que essa situação é transitória, inconsequente, ridícula ou coisa de adolescente. Isso não poderia estar mais longe da verdade. As consequências comportamentais e emocionais do apaixonar-se podem ser duradouras e profundas. Vi vidas normais se desmantelarem por causa de paixões violentas; observei pessoas sofrendo de agonias prolongadas por causa da rejeição; acompanhei indivíduos prestes a se lançar num precipício psicológico — lugares obscuros, assustadores — em que senti que uma palavra infeliz ou um jeito desastrado de falar bastaria para levá-los até a beira; vi pacientes entregues ao canto da sereia do esquecimento, levando em consideração suas promessas de libertação e descanso eterno mesmo quando eu tentava, às vezes desesperadamente, persuadi-los a dar um passo para trás. Vi indivíduos esvaziados pelo desejo e pela ansiedade, transformados numa versão reduzida e opaca do que eram antes. Em nenhuma dessas ocasiões fui tentado a esboçar um sorriso sarcástico e traquejado.

Acredito que os problemas que resultam do amor — paixão, ciúme, mágoa, trauma, vínculos inapropriados e vício, só para citar alguns — merecem séria consideração e que a linha que separa o amor normal do

anormal é frequentemente indefinível. Espero que esse modo de ver encontre fundamento nas revelações bastante inquietantes que se seguem — inquietantes porque, em última análise, demonstram a presença das vulnerabilidades profundamente enraizadas e universais confinadas em nosso sistema nervoso pelo processo evolutivo. A mais simples faísca de atração sexual pode causar um incêndio que tem potencial para nos consumir. Todos compartilhamos essa propensão adormecida, que explica por que os exemplos de sua manifestação na clínica são tão impressionantes e alarmantes. Dão-nos boas razões para refletir sobre nossas histórias íntimas e previnem-nos dos perigos que temos à frente.

A psicoterapia é uma disciplina notoriamente dividida. Há muitas escolas de pensamento diferentes (por exemplo, psicanalítica, gestalt, racional emotiva) e cada uma delas é representada por uma figura de proa, cuja abordagem particular — apesar de preservar um conjunto circunscrito de princípios e valores básicos — diverge da tendência dominante. Esses abandonos da ortodoxia variam desde pequenas modificações na teoria até revisões significativas da doutrina. A história da psicoterapia é uma história de um conflito mutuamente destrutivo, de cisões, separações e hostilidade intelectual. Pode-se pensar nela, representada sobre uma página, como um diagrama complexo em forma de árvore, composto por diversos troncos e cada qual produzindo inúmeras ramificações. Este processo de crescimento e de reiterada bifurcação aconteceu em um período de pouco mais de cem anos e continua até hoje.

É habitual que um livro deste tipo reflita a orientação teórica de seu autor. Em geral, os sintomas são interpretados e compreendidos dentro do contexto único da abordagem preferida do autor. Sempre achei a lealdade a uma única escola de psicoterapia desnecessariamente limitante, pois acredito que até mesmo os mais periféricos inovadores na história da matéria tiveram algo de importante ou útil a dizer sobre a origem, a manutenção e a cura de sintomas. Sendo assim, as descrições clínicas neste livro são apresentadas com comentários que tomam emprestado elementos de muitas perspectivas diferentes.

O amor é um grande nivelador. Todos queremos amor, todos nós nos apaixonamos, todos perdemos o amor e todos nós conhecemos alguma coisa da loucura do amor; e quando o amor não dá certo, nossa

riqueza, educação e status não contam para nada. O conde preterido é tão vulnerável quanto o motorista de ônibus preterido. Praticamente todos os mais importantes teóricos da psicoterapia, de Freud em diante, concordam que o amor é essencial para a felicidade humana.

O termo “romântico incurável” é mais que uma designação divertida — ele reconhece uma realidade clínica desconfortável. Um dos poetas apaixonados do antigo Egito de maneira reveladora escreveu que os médicos, com seus remédios, não eram capazes de curar seu coração. Pode ser que estivesse certo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA

Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2019